

IBIRAPUITÃ

Apio Claudio Beltrão¹

PRÓLOGO

Este estudo tem por finalidade comentar o recontro entre os borgistas da 2ª Brigada Provisória, ou Brigada do Oeste, comandados por José Antônio Flores da Cunha, e os assististas da Coluna do Oeste, sob o comando de Honório Lemes da Silva, travado em 19 de junho de 1923, terça-feira, nas cabeceiras da Ponte Borges de Medeiros sobre o rio Ibirapuitã, junto à cidade de Alegrete.

Essa refrega não foi uma batalha. Embora se constituísse em episódio eminente das operações militares que se desenvolveram no Rio Grande do Sul ao longo do ano de 1923, de certo não decidiu o conflito nem teve expressão significativa sob os pontos de vista estratégico e tático.

Tampouco poderia ela ser chamada de escaramuça. Longe de ter sido um choque frouxo e instantâneo da vanguarda dos governistas com a retaguarda dos revolucionários, exigiu empenho intenso e demorado de ambos os contendores.

Melhor seria considerá-la um autêntico combate, como verdadeiramente o foi.

A REVOLUÇÃO

Em 25 de setembro de 1922, o Partido Republicano Rio-Grandense ou Partido Republicano Histórico, no poder havia trinta anos, lançou a candidatura de Antônio Augusto Borges de Medeiros, presidente do Estado, para um quinto mandato quinquenal.

A oposição, nos 5 e 19 de outubro de 1922, consagrou Joaquim Francisco de Assis Brasil competidor com o candidato oficial.

Os oposicionistas formaram frente composta de um conglomerado de republicanos dissidentes – alguns originários dos pretéritos Partido Republicano Federal, de 1891, Partido Republicano Liberal, de 1895, e Partido Republicano Democrático, de 1908 – com um bom número de federalistas – oriundos do Partido Federalista de 1892 ou a ele aderentes nos anos que se seguiram. Ao fim e ao cabo, os opositores reuniram-se em uma respeitável

¹ Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1964), especialização em Direito Tributário pela PUCRS. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

multidão de descontentes com a perpetuação do borgismo.

Depois de uma campanha marcada pela violência e pela fraude, Borges foi eleito em 25 de novembro de 1922, reconhecido como vencedor pela Assembleia Legislativa no dia 16 de e empossado no dia 25 de janeiro de 1923.

Irresignados, os vencidos desencadearam a Revolução de 1923,

O movimento armado, com certo exagero, pode ser chamado de guerra civil ou, com algum menosprezo, de mera revolta, mas o nome de revolução cabe-lhe com propriedade porque seu objetivo maior, senão único, foi derrubar o presidente estadual em exercício.

A revolução caracterizou-se, antes de tudo, como conflito entre republicanos de diferentes facções. Os federalistas que se insurgiram não veriam implantado o parlamentarismo inscrito no programa do seu partido, nem seriam governados por um correligionário. Porém, a ojeriza ao borgismo - desgastado pela duração do mando e pelo atrito com Arthur Bernardes da Silva, empossado em 15 de novembro de 1922 na presidência da República, depois de vencer, no pleito de 1º de março de 1922, o candidato apoiado por Borges, Nilo Procópio Peçanha - proporcionou amálgama suficiente à composição heterogênea dos revolucionários.

O Rio Grande do Sul, por quase um ano, tornou-se palco de um drama deplorável: o prolongamento da dissensão política na luta armada entre assististas e borgistas.

A pacificação de Pedras Altas, consumada em 14 de dezembro de 1923 através da mediação do General-de Divisão Fernando Setembrino de Carvalho, não trouxe, infelizmente, a tranquilidade de que o Estado tanto necessitava.

A agitação político-militar e os levantes em armas haveriam de persistir pelos anos seguintes.

A CIDADE, O RIO E A PONTE

De um verbete do Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul, 2ª edição, Globo, Porto Alegre e Santa Maria, 1914, de Octávio Augusto de Faria:

“Alegrete. Município importante no vale do Ibicuí. Os limites são quase todos naturais. Ao Norte, os municípios de Itaqui, Assis e S. Vicente pelo Ibicuí; a Leste e Sul o município de Rosário pelo Itapevi, serra do Caverá e rio Caverá e por uma série de banhados até encontrar o Ibirapuitã; o município de Quaraí, pelo Ibirapuitã, arroio Mata Olho, coxilha de São Rafael,

restinga S. Eustáquio, arroio Paipasso, diversas vertentes, rio Inhanduí e coxilha de Japeju; a Oeste, o município de Uruguaiana pelo Ibirocaí. Os terrenos do município são de formação terciária e alguns do período quaternário, encontra-se depósitos turfosos e fósseis. (...) O seu território é plano a Oeste do Ibirapuitã e ondulado a Leste. Possui a forma trapezoidal e conta um perímetro de 520 km. A área do município de 8.170 km. Possui bom sistema hidrográfico, sendo regado pelos rios Ibicuí, Ibirapuitã, Inhanduí, Itapeví, Ibirocaí etc. Há diversos passos nos diversos cursos d'água que banham o município. O seu sistema orográfico é constituído pela serra do Caverá, de formação quaternária e por vários cerros isolados. (...) Em 1909 contava 2.328 eleitores estaduais e em 1910, 1.156 federais. (...) O município conta pontes sobre os rios Ibirapuitã, Caverá e diversas outras pertencentes à via férrea. A população do município é calculada para 31-12-1913 em 26.357 habitantes, com densidade de 3,1 por quilômetro. Conta para mais de 3.500 prédios, sendo 1.400 urbanos. (...) Cidade, sede do município e comarca, à margem esquerda do Ibirapuitã, sobre uma eminência, que vai se abater na direção de Sul a Norte, circundada por uma curva do Ibirapuitã e Restinga.”

Ainda sobre a hidrografia, a orografia e a população de Alegrete, Miguel Jaques Trindade (Alegrete do Século XVII ao Século XX, volume I, Movimento, Porto Alegre, 1985, págs. 37,38 e 61):

“Os campos são, naturalmente, divididos pelo rio Ibirapuitã em duas zonas de pastagens: uma constituída de terras próprias para a agricultura, esta situando-se ao lado da margem direita do rio mencionado, compreendendo extensa área entrecortada pelos afluentes da margem indicada desse rio, arroio Caverá (o maior) e outros afluentes, como os arroios Queromana, Lajeadozinho, e Restinga. Conta-se ainda nessa área com a Lagoa do Parové, com 1.000 m de comprimento, 300 m de largura e 5 m de profundidade, situada num planalto admirável. Todos os cursos de água que aqui mencionamos e mencionaremos como pertencentes ao território de Alegrete pertencem ao estuário do rio Ibicuí, sendo que na parte que limita o município ao norte aparece este grande rio, que é também o receptáculo de todo o sistema hidrográfico do município. Às suas margens, numa extensão de 160 km, os campos são arenosos e como tais um pouco fracos, ainda que considerando a hidrografia local bastante boa. Ainda à margem direita do rio Ibirapuitã ficam situados os arroios da Divisa, com 20 km, Jacaquá, com 40 km, Itapeví, com um curso de água de 53 km, Lajeado, com 40 km, São João, com 30 km. O Ibirapuitã recebe ainda pela margem direita mais os seguintes cursos de água: Catimbau, Jararaca e Caiboaté e Restiga do Salso. (...).

A área do município situada à margem esquerda do Ibirapuitã,

como já ficou demonstrado, é realmente a área que, sendo própria, é muito explorada com a pecuária. Nela estão situados os arroios Itapororó, Inhanduí, Ibirocaí, Pai-Passo, Capivari, Salso, Vacacaí, Ibirocaizinho, Mata-Olho, Fortaleza, Guassu-Boi, Restinga ou Regalado, que circunda a cidade, lado norte. Desses o maior e mais extenso é o Ibirocaí, que também serve de limite, hoje, com o vizinho município de Uruguaiana, (...).

Na orografia do município, o único cerro que pertence a um sistema de cordilheira é o Catimbau, localizado no 'divortium aquararum' dos arroios Caverá e Ibirapuitã e que faz parte dos chamados últimos contrafortes da Serra do Caverá. Isolados existem ainda no município os cerros do Dinheiro, da Tuna, do Barro, do Ouro, das Pedras de Bolas, do Tigre, do Negro, mais o Vigia, Pintado, Itapororó, Jacaquá, Apertado, Figueira e o da Olaria. (...)

Os primeiros dados referentes ao estudo da população de Alegrete que ofereceram alguma confiança apareceram no censo demográfico realizado em 1920, executado pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Nesse censo, muito pobre em elementos, observa-se que o município possuía 33.330 habitantes, dos quais apenas 12.382 sabiam ler e escrever, sendo os restantes analfabetos por completo."

Mais três verbetes do Dicionário de Octávio:

Acerca do rio Ibirapuitã:

"Ibirapuitã. Rio tributário do Ibicuí, nasce no município de Livramento, coxilha de Santana e depois limita esse município do de Quaraí e Quaraí dos de Rosário e Alegrete, penetrando no último onde banha a cidade de Alegrete. Corre a princípio no rumo Noroeste e depois no de Norte até sua barra, 3 km abaixo do passo de Santa Rosa. Possui duas importantes pontes junto à cidade de Alegrete.

Ibirapuitã Chico. Arroio tributário do Ibirapuitã; município de Livramento e Rosário, limitando-os em parte.

Ibirapuitã Mirim. Antiga denominação do atual rio Caverá."

Sobre a ponte Borges de Medeiros:

"Borges de Medeiros. Ponte sobre o rio Ibirapuitã junto à cidade de Alegrete. No ano de 1845 houve a primeira iniciativa para a construção da referida ponte. Até então a passagem do rio era atendida por empresas particulares, que sustentavam à sua custa canoas e outros meios de transporte. Em abril de 1873 foram terminados os trabalhos e a ponte foi entregue ao trânsito público. Em 1894 foi incendiada pelos revolucionários e reconstruída em 1896. Em 1907 foi substituído o antigo estrado de madeira por outro

de ferro, e as obras de alvenaria foram levantadas mais um metro, para prevenir as enchentes, que nos últimos anos se manifestaram extraordinárias, quase atingindo o estrado. A ponte do Ibirapuitã é a mais importante via de comunicação do município de Alegrete, sob o ponto de vista comercial, ligando-o com a região oriental deste rio e municípios de São Francisco de Assis, Rosário e Livramento. Está a importante obra assente sobre dois encontros e quatro pilares de alvenaria, com uma extensão de 94 metros de encontro a encontro. (...) Junto à essa bela ponte há outra pertencente à via férrea de Porto Alegre a Uruguaiana.”

AS FORÇAS EM CONFRONTO

A disparidade de recursos entre governistas e revolucionários era notória.

Borges dispunha da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul que, segundo o Decreto nº 2.916, de 11 de janeiro de 1922, compunha-se de 2.210 homens, sendo 130 oficiais e 2.080 praças, distribuídos entre um estado-maior de 10 oficiais, 2 regimentos de cavalaria com 19 oficiais e 318 praças cada um; 3 batalhões de infantaria, um com 24 oficiais e 525 praças e 2 com 15 oficiais e 247 praças; um grupo de metralhadoras com 7 oficiais e 114 praças; a escolta presidencial com 5 oficiais e 131 praças; e os serviços auxiliares com 8 oficiais e 180 praças.

Além dessa milícia regular, Borges também tinha à disposição muitos corpos provisórios.

Leia-se, a propósito, o Coronel Aldo Ladeira Ribeiro (Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, volume II, Oficinas Gráficas da Brigada Militar, Porto Alegre, 1953, pág. 37):

“Acentuando-se os indícios de que seria perturbada a vida ordinária do Rio Grande, pela reunião de elementos feita por diversos chefes oposicionistas e, principalmente na região serrana, o governo, por Decreto nº 3.086, de 16 de janeiro, criou o 1º Corpo Provisório, com sede em Passo Fundo, sujeito ao comando e regulamento da Brigada Militar, com o efetivo de 270 homens, sendo 19 oficiais, e nomeou seu comandante comissionado no posto de tenente-coronel o Major João Cândido Machado.

Muitos outros corpos dessa natureza foram criados no decorrer da revolução, a maioria dos quais ficou grupada nas cinco Brigadas Provisórias, do Norte, do Oeste, do Sul, do Nordeste e do Centro (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª, respectivamente).”

Confira-se em Carmen Aita (1923 Rio Grande do Sul Diário da Revolução, Laser Press Comunicação, 1ª edição, Porto Alegre, 2013, pág. 44):

“Portanto, as forças republicanas eram modeladas pela Brigada Militar do Estado, regendo-se pelos seus regulamentos. As Brigadas Provisórias, em número de cinco, eram as grandes unidades, compostas de 5 a 7 Corpos, sendo que o efetivo normal do Corpo Provisório era de 321 homens, inclusive oficiais, e que perfaziam totais de 1.500 a 2.000 combatentes. Seus comandantes compunham-se de oficiais da Brigada Militar da ativa ou reformados, oficiais da Guarda Nacional, alguns oficiais reformados do Exército e civis comissionados. Mas também havia diversos Corpos provisórios que eram independentes destas e estavam diretamente subordinados ao comando geral da Brigada Militar.”

A Brigada do Oeste foi organizada em Santa Maria, sob o comando do Coronel Claudino Nunes Pereira.

Compreendia, inicialmente, seis unidades: os 1º e 2º Regimentos de Cavalaria, o 1º Batalhão de Infantaria e 3 corpos provisórios (Ladeira, Esboço, pág. 63).

Mais tarde, consoante Flores (A Campanha de 1923, 3ª edição, Edigal, 2023, pág. 39) sua composição foi alterada, passando a contar com os dois regimentos de cavalaria, os 1º, 3º, 4º e 5º Corpos Provisórios, o corpo denominado Fronteiras da República e o contingente chefiado pelo Coronel Nepomuceno Saraiva.

Finalmente, Flores, comissionado no posto de coronel, substituiu Claudino no seu comando.

Lê-se em Arthur Ferreira Filho (História Geral do Rio Grande do Sul 1503-1960, 2ª edição, 1ª impressão, Globo, Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo, 1960, pág. 156), que os revolucionários operaram divididos em forças, eventualmente agrupadas em colunas.

Uma destas colunas era a chefiada por Honório, também chamada Coluna do Oeste.

Sobre a Coluna do Oeste escreveu Antero Marques (Mensagem a Poucos 23 Vivências de um Estudante Revolucionário, A Nação, Porto Alegre, 1964, págs. 94 e 95):

“Vimos pela primeira vez o que chamávamos ‘a força do Honório’, que nunca acampara à nossa vista, nem em marcha se mostrara, desde que incorporáramos até ali, naquela concentração e revista; era, realmente, uma força respeitável, uma gauchada linda, mais de mil homens montando excelentes cavalos que pareciam ter sido escolhidos a dedo como os seus ginetes; era, também, a de aspecto mais regular e disciplinado; ao passo, depois da formatura de revista, desfilaram a 4 de fundo; como as demais, estava praticamente desarmada. A força de Alegrete, mais numerosa talvez

do que ela, ao lado dos contingentes que se caracterizavam pela improvisação, apresentava unidades que se equiparavam em tudo. Somávamos em torno de 3 mil homens: - para alguns, 3 mil; para outros, 3 mil e 200.”

Em quaisquer circunstâncias, a quantificação dos efetivos de uma força é sempre insegura. Nas unidades regulares, os mapas de apuração variam de dia para dia. Entre os combatentes irregulares, não é costume efetuar esse mapeamento. As causas de aumento dos efetivos exemplificam-se como o recrutamento e a adesão voluntária; as de diminuição, como a morte, a doença e a deserção; além disso, ocorrem constantemente incorporações e desincorporações de contingentes, pelos mais variados motivos.

O armamento dos governistas era homogêneo e moderno, ao menos no tocante aos corpos permanentes. A munição e o aprovisionamento de gêneros alimentícios eram regulares e satisfatórios. Tampouco careciam, habitualmente, dos demais recursos materiais exigidos para a atividade em campanha.

Flores, aludindo ao combate de Ibirapuitã, apontou (Campanha, pág. 95):

“Não soubemos a extensão e importância dos reforços, em homens, armamentos e munições que, dias antes, os revolucionários receberam.

Apesar de não haver o Governo do Estado remuniado a Brigada de Oeste, depois dos sucessivos embates que, anteriormente, ferira, é de crer-se que tivesse superioridade em potência de fogo, dispondo como dispunha de algumas armas automáticas.”

Os revolucionários careciam de armas modernas e sofriam com a crônica falta de munição. Os recursos para alimentação e vestuário eram eventuais.

Antero, tenente encarregado do armamento, da munição e da distribuição de carne na força de Hortêncio Rodrigues, formada de uns 300 homens, refere-se a lanças fabricadas com ferro forjado em ferraria e haste de madeira de lei, acrescentando (Mensagem, págs. 73 e 76):

“Aquela maneira de armar-se, rudimentar e primitiva, fazia lembrar dentro da História a usada por todos os povos, nas insurreições populares e nas revoltas dos camponeses – facas, adagas, revólveres, relhos com cabos rijos e duros, de pau-ferro, guajuvira, coronilha, araca, cambuí, cuja bordada única dada com pulso firme era suficiente para derrubar um homem, a pé ou a cavalo; rabos-de-tatu curtos, cujas tranças de couro primorosas disfarçavam os canos de ferro que lhes davam peso; as boleadeiras, ainda com as mesmas funções de antigamente; Winchesters em número reduzido, 2 ou 3 Comblains, uma Mannlicher, e, talvez, pensando os seus portadores

na hipótese provável dos entreveros, uma ou outra arma de chumbo para caça...(...) Carneávamos a média de 2 vacas para 100 homens, o que perfazia 6 ao todo por dia.”

Antes de a Coluna do Oeste travar o combate de Ibirapuitã, Antero registrou o recebimento de armas e munições (Mensagem, págs. 250 e 251):

“- E o comboio que estava para chegar, ontem?

- Chegou ... (respondeu Honório). O Dr. Luzardo trouxe 300 e tantas armas e alguma munição. (...) O Coronel Hortêncio me disse que vai lhe entregar esse armamento para o sr. limpar... Está muito sujo e enferrujado.

O Tenente despediu-se. Ao chegar à barraca, encontrou o armamento e a munição respectiva. Eram cerca de 300 armas, a maioria delas de tamanho aproximadamente de uma ‘Mannlicher’ e semelhante a ela, que os entendidos chamavam ‘Chassepot’. (...) A sua munição era constituída por alguns cunhetes de cartuchos, grandes, carregados com pólvora preta e bala de chumbo, grande também e grossa (o fumo dos tiros era tal que chegava a tapar o atirador); as outras, fuzis argentinos tipo ‘Mauser’, muito compridos e de um tiro só, calçando e atirando com bala de 7 mm da ‘Mauser’ do nosso exército. A munição que veio para estas últimas era muito pouca. (...) E isso era tudo o que se convencionou apelidar, pomposamente e esperançosamente, comboio de armamento e munições. Além das armas acima referidas, a ‘Coluna’ possuía ‘Winchesters’, ‘Mosquetões Mauser’, de cavalaria, em número deficiente, alguns ‘Comblains’, raros ‘Mausers’ de infantaria do nosso exército, e ainda mais raros os ‘Mausers’ Argentinos, 7,5 mm, bala pontiaguda, novíssimos na sua cor azulada, que certos soldados das forças governistas vendiam aos nossos simpatizantes civis das cidades.”

A remonta constituiu problema intermitente para ambos os adversários, conquanto afetasse principalmente os revolucionários, pelas características da guerrilha que sustentavam: muito movimento e pouco apoio logístico. Em 1923, equinos já não abundavam no Rio Grande do Sul como outrora. O ideal de um animal de boa qualidade, bem tratado e melhor treinado, afeiçoado ao seu cavaleiro, era mais fácil de alcançar pelos governistas, que tinham mais recursos e não dependiam tanto das potreadas, como os seus adversários. O cavalo comumente empregado no serviço de campo pouco resistia às marchas forçadas, à precariedade do pasto e à irregularidade do descanso, ficando logo imprestável.

AS APROXIMAÇÕES

Em 1º de junho de 1923, a vanguarda da Brigada do Oeste atacou a Coluna do Oeste na Fazenda Santa Rosa, Município de Rosário do Sul.

As versões sobre o combate são contraditórias. Flores (Campanha, págs. 59 a 63) proclamou a vitória de menos de 200 dos seus comandados sobre uma quantidade de contrários 6 ou mais vezes maior, tendo declarado que a Coluna do Oeste fugira em desordem, deixando mais de 20 mortos e perdendo parte da cavalaria. Antero (Mensagem, págs. 220 e 221) afirmou que a Brigada do Oeste sofreu derrota completa, ficando extraviada e dispersa desde Santa Rita até Santana do Livramento, onde se refez pelo período aproximado de 15 dias.

Depois de Santa Rita, a Brigada do Oeste marchou até Alegrete (Ladeira, Esboço, págs. 93 e 95 a 97:

“Após o combate da estância de Santa Rosa, a 2ª Brigada do Oeste, saindo do boqueirão do Viradouro, na serra do Caverá, atingiu o passo das Catacumbas no rio Ibirapuitã; a estância da Sociedade e pouco depois, os campos de Benício Alves Corrêa, onde se deteve na noite de 4 para 5 de junho, dia que assinala o combate que ficou conhecido pelo nome do local onde se travou – a picada do Aipo.

(...)

Após o encontro da picada do Aipo, a Brigada do Oeste aproximou-se de Livramento, indo acampar junto ao passo do rio Ibirapuitã, cerca de 2 e meias léguas [16,5 quilômetros] da cidade, na tarde de 7.

(...)

Ao atingir a Brigada o passo do Ibirapuitã, foi expedida ordem de acampar e muito poucas foram as praças que obtiveram permissão para se afastarem do corpo.

Tal medida, como era natural, gerou grande descontentamento.

(...)

A reação, porém, não se fez esperar. Diante da impassibilidade do comandante da unidade, que nenhum interesse tomou pelas suas praças nessa, como em outras emergências, começaram estas a agir, levadas pelos seus próprios impulsos, sem medir as consequências que lhe poderiam advir de sua conduta.

(...)

A 10, pôs-se a Brigada em marcha, novamente.

Na tarde de 14, a força legal atingiu a margem esquerda do rio Quaraí-mirim, onde estacionou até 17, quando foi acampar junto ao passo do Inhanduí, no município de Alegrete, nas proximidades do local onde no decorrer da revolução de 93-95, feriu-se a grande batalha do Inhanduí.

A 18, o mau tempo impediu a continuação da marcha, o que se fez

na manhã de 19.

Foi nesse dia que se feriu o memorável encontro da ponte Borges de Medeiros.”

Por sua vez, a Coluna do Oeste deslocou-se para a margem direita do rio Ibirapuitã (Antero, Mensagem, págs. 224 e 225):

“Depois de ‘Santa Rosa’, a Coluna, cansada e exausta, respirou um hausto longo de muitos dias (cerca de 15) sem perseguição e sem contato com o inimigo. Os móveis e objetivos de Honório permaneciam os mesmos, premura de tudo – de dinheiro, roupa, farmácia, calçado, armas e munições. Só não havia falta de soldados, carne e cavalos – e estou quase a afirmar que com esses três elementos seja possível manter-se uma guerra civil, pelo menos durante algum tempo, no Rio Grande. Realmente, bem ponderadas as coisas até o dia de Ibirapuitã (daí por diante quem aponta estas notas afastou-se da guerra civil), Honório não teve mais do que isso, e o espaço e o tempo filtrados pela sua vaqueania, segundo as necessidades, vicissitudes e circunstâncias dos momentos da luta. Então?... Procurará, de novo, aproximar-se da ‘Linha Divisória’. Conseguirá o que lhe vedaram em ‘Palomas’ e no ‘Passo do Guedes’. Aproxima-se, em marchas calmas e demoradas, de Quaraí e Uruguaiana. Recebe o pomposamente denominado ‘Comboio de Armas e Munições’. (...) Ninguém melhor do que Honório perceberia que aquelas 300 armas antiquadas (...) não modificavam em muito a nossa situação diante dum inimigo bem equipado, que contava com todos os recursos de que dispunha o Governo do Sr. Borges de Medeiros.

Assim, ao ter conhecimento de que o mesmo se aproximava em sua procura, levanta acampamento e marcha. Para onde? Para a Serra do Caverá, em busca dos seus acidentes e esconderijos, que eram a sua proteção salvadora. E somente os azares da guerra (ou o Acaso de uma ordem erradamente transmitida durante a guerrilha de Ibirapuitã?...) evitaram-no de atingi-la a salvo. É o que tentaremos expor e demonstrar, adiante, em outro registro, onde se verá, também, que depois de refazer-se da debandada de 19 de junho, busca aquele asilo de cerros desnudos.”

Noutros termos, conforme Antero (Mensagem, págs. 223 a 243), a Coluna do Oeste seguiu o seguinte roteiro entre 1º e 19 de junho de 1923: Fazenda Santa Rosa (serra do Caverá) – passo do Posto Branco (serra do Caverá) - campos do Rochedo - Estância do Ibirapuitã (de Assis Brasil) – Alegrete (um piquete que, antes de entrar na cidade, efetuou reconhecimento sobre a estação de Palma, no quilômetro 216,9 da linha ferroviária de Santa Maria a Uruguaiana, 15,1 quilômetros a Leste da estação de Alegrete, situada no quilômetro 232) – Boa Vista – passo do rio Inhanduí (na estrada de rodagem de Alegrete a Quaraí) – um dos passos do rio Garupá (de acesso a Quaraí) –

estação de Inhanduí (no quilômetro 260 mencionada linha ferroviária, 28 quilômetros a Oeste da estação de Alegrete, durante 3 a 4 dias) – Alegrete; seu destino era a serra do Caverá.

Segundo Aita (1923, pág. 144), Honório entrou em Alegrete a 6 de junho, logo rumando para Uruguaiana.

Flores (Campanha, págs. 57 a 59) informou ter sabido que Honório abandonara Alegrete, depois de a ter ocupado por alguns dias, e tomara a direção de Uruguaiana, fracionando sua coluna em dois contingentes: um avançara até Barra do Quaraí, Município de Uruguaiana, e o outro permanecera entre as estações de Inhanduí e Guassu-Boi.

Apurou, também, que Honório, ilhado pela enchente do rio Inhanduí, passara de sua margem esquerda para a direita. Como dito acima, a estação de Inhanduí situava-se no quilômetro 260 da linha ferroviária de Santa Maria a Alegrete, 28 quilômetros a Oeste da estação de Alegrete. A estação de Guassu-Boi estava situada no quilômetro 273,8 da aludida linha ferroviária, 41,8 quilômetros a Oeste da estação de Alegrete.

A Brigada do Oeste e a Coluna do Oeste convergiram para Alegrete por caminhos diferentes. Supõe-se que aquela tenha percorrido o rumo Sudoeste-Nordeste, enquanto esta seguiu o rumo Oeste-Leste. Por conseguinte, a primeira marchando ao Sul da segunda. É o que se depreende das fontes (Campanha, págs. 76 a 80; Mensagem, págs. 241 a 253).

Um piquete de reconhecimento governista, enviado em 16 de junho de 1923 na direção do passo de Santa Amasilha [Amasília?], descobriu que Honório tinha atravessado a ponte ferroviária sobre o rio Inhanduí, da margem esquerda para a direita, como já se disse. Por conseguinte, é provável que, seguindo o leito da via férrea, chegasse em Alegrete mais de um dia antes de Flores.

Entrando em Alegrete pela segunda vez, passou da margem esquerda para a margem direita do rio Ibirapuitã e foi acampar no Capão do Angico.

Na localidade do Capão do Angico, também conhecida como Jararaca e situada a três quartos de légua [4,95 quilômetros] da cidade de Alegrete, deu-se, em 27 de março de 1893, o combate em que os federalistas da 1ª Divisão do Exército Libertador, às ordens de Antônio Ferreira Prestes Guimarães, destroçaram os castilhistas da divisão chefiada por Joaquim Tomás dos Santos Filho, que foi aprisionado (Wenceslau Escobar. Apontamentos para a História da Revolução Rio-Grandense de 1893, Universidade de Brasília, Brasília, 1983, págs. 105 a 108, e Sérgio da Costa Franco, A Guerra Civil de 1893, 2ª edição, Renascença-Edigal, Porto Alegre, 2012, pág. 79).

Flores acampara à margem direita do rio Inahnduí, no local da batalha que se feriu em 3 de maio de 1893, entre os federalistas das duas divisões do Exército Libertador, a 1ª de João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) e a 2ª de Luís Alves de Oliveira Salgado, e os castilhistas das divisões do Oeste, 1ª Divisão, de Hipólito Antônio Ribeiro (comandante-em-chefe) e do Norte, de Francisco Rodrigues Lima.

De lá encetou, ao amanhecer de 19 de junho de 1923, a marcha para Alegrete, fazendo um bivaque, por volta das 10 horas, nas proximidades do local onde se ergueria a estação de Vasco Alves, no quilômetro 22,2 do ramal ferroviário de Alegrete a Quaraí.

Desse lugar, horas depois, alcançou Alegrete já sabedor do tiroteio instaurado entre sua vanguarda e os adversários, junto à ponte Borges de Medeiros.

O COMBATE

Ao teor de sua Ordem do Dia, transcrita por Aita (1923, págs. 61 a 64), Honório assim teria disposto suas forças na margem direita do rio Ibirapuitã:

“À direita da ponte, sobre o rio Ibirapuitã, tomara posição o Tenente-Coronel Maurício de Abreu. Em posição imediata, achava-se o piquete do Estado-Maior sob o comando do Tenente Raul Batista. O Coronel Teco Timbaúva, que fora o primeiro a tomar posição, dispusera a sua força sobre a mangueira do Matadouro Municipal, sendo esta a força que fizera recuar as primeiras avançadas inimigas. À medida que se foi generalizando a batalha, mandei dispor uma linha de atiradores, sob o comando do Major Malaquias Vargas, entre o Matadouro e a casa do Sr. João Galant. Também convergiram para este centro as forças respectivamente do comando do Major Bueno Aures da Costa, do Capitão Serafim Saldanha, as do Capitão Pachcoal do Prado, do Regimento de Uruguaiana e o Corpo Vasco Alves, sob o comando do Major Waldemar Abreu. À esquerda da mangueira de pedra era ainda ocupada por forças de Uruguaiana, sob o comando do Tenente-Coronel Dr. Paula Mendonça. Um contingente sob o comando do Coronel Theodoro Menezes, tomou posição no Passo Novo, sobre o Ibirapuitã, a fim de prevenir um provável ataque do inimigo, não obstante as dificuldades que se lhe apresentavam com a crescente do rio. O Coronel Áfrico Serpa e o Major Iracildo da Conceição ocuparam o lugar denominado Ilha, de onde o inimigo sofreu forte fuzilaria.

A ponte do Caverá foi guarnecida por um piquete do comando do Capitão Gaspar Lemes que entreteve ligeiro tiroteio com o inimigo no mo-

mento da nossa retirada. No Passo dos Boiões estava a força do comando do Tenente-Coronel Enedino Fonseca. As forças de S. Francisco de Assis, do comando do Coronel Hortêncio Rodrigues, foram incorporadas às do Coronel Teco Timbaúva, tendo aquele oficial, que ainda não se restabelecera do ferimento recebido no combate do Caverá, assistido a batalha com serena bravura entre os oficiais do Estado-Maior.”

O dispositivo das forças de Flores não foi detalhado (Campanha, págs. 85 e 86):

“Nossas forças se haviam distribuído por toda a costa do rio, abrindo-se nos cômodos de areia, anfractuosidades do terreno e sob a própria ponte, onde conseguiram colocar uma metralhadora leve. A montante dela, as vanguardas que tinham entrado na cidade mantinham-se tiroteando com os rebeldes que ocupavam o Matadouro Municipal, na extrema esquerda das linhas inimigas.

Essa posição, situada numa curva do rio, correspondia, ao antigo Cemitério dos Afogados, , sito nas proximidades da usina geradora de eletricidade.”

Flores e Antero fizeram detalhada descrição do combate de Ibirapuitã. Sem demérito aos seus notáveis trabalhos, aqui será adotado o relato de Ladeira (Esboço, págs. 97 e 98), pelo posicionamento sensivelmente equidistante em relação ao acontecimento e, sobretudo, pela confiabilidade do autor e a brevidade do texto:

“À falta de uma ordem do dia do comando da 2ª Brigada do Oeste, que devera ter sido publicada sobre o combate, mas não o foi, como não o foi, também, de nenhum outro, depois que o Coronel Claudino deixou o seu comando, valer-nos-emos, para descrevê-lo, do Diário de Marchas e Operações do 2º Regimento de Cavalaria, então a nosso cargo, por desempenharmos a função de ajudante, interinamente, e de nossas próprias reminiscências.

Ao clarear do dia [19 de junho de 1923], as forças deixaram aquele acampamento [passo do rio Inhanduí], indo fazer um grande alto, quase as 12 horas, no lugar denominado Boa Vista, sobre a estrada de rodagem Quaraí-Alegrete.

Recomeçada a marcha cerca de uma hora depois, ouviu-se o toque de – 2ª Brigada, sentido! – e os corpos começaram a acelerar as respectivas andaduras. Era que a vanguarda, constituída pelo corpo do Coronel Nepomuceno Saraiva, reforçado por elementos do 2º Regimento, já estava tiroteando o inimigo. Tendo este abandonado a cidade de Alegrete, entrincheirara-se à margem direita do rio Ibirapuitã, junto à ponte Borges de Medeiros, que fica em uma das orlas da cidade. Ocupava fortes posições, em casas e

cercas de pedra, e ali estava disposto a resistir, como resistiu, por julgar a ponte intransponível em face dos seus fogos.

Pelas 14,30 horas, já todas as unidades da Brigada estavam empenhadas no combate.

As metralhadoras e fuzis-metralhadoras do 2º Regimento e os fuzis ordinários de todo pessoal, por espaço de mais de 2 horas, desencadearam horrível fuzilaria, não permitindo que o adversário se descobrisse para fazer pontaria contra as forças legais, o que facilitou em muito a vitória.

Em uma primeira investida, para atravessar a ponte, receberam ferimentos o comandante da Brigada, Coronel Dr. Flores da Cunha, os comandantes dos corpos 4º e 5º, Tenentes-Coronéis Oscar de Souza e Dr. Osvaldo Aranha, Major Laurindo Ramos, Capitães Alfredo Ramos, Cândido Silva e outros. Caíram mortos, nessa ocasião, entre outros, o jovem e valoroso Capitão Dr. Guilherme Flores da Cunha e o capitão do 5º corpo Artur Mendes.

Diante dessas baixas, o grupo recuou, continuando o tiroteio de parte a parte.

Já começava a escassear a munição, principalmente nos corpos provisórios, e o combate continuava indeciso.

Foi então que o Tenente-Coronel Augusto Januário Corrêa, comandante do 2º Regimento, assumiu a direção do combate e, percorrendo as linhas, convidou o pessoal a transpor a ponte. Logo depois, a um sinal dado, lançaram-se à mesma os que mais próximos dela se achavam, dando vivas ao Rio Grande e a Borges de Medeiros.

Este ato de inaudito arrojo causou indescritível pânico nas hostes adversárias, que apavoradas, abandonaram suas posições e lançaram-se em precipitada fuga.

A perseguição, feita pelos elementos melhor montados de todos os corpos, levou-os de vencido até além do passo do Caverá, sendo suspensa ao cair da noite.”

Segundo Ladeira (Esboço, págs. 97 e 98), a Brigada do Oeste teve 10 mortos e 41 feridos, sendo nominados 2 oficiais mortos (Capitães Guilherme Flores da Cunha e Artur Mendes) e 6 feridos (Coronel José Antônio Flores da Cunha, Tenentes-Coronéis Oscar de Souza e Osvaldo Aranha, Major Laurindo Ramos e Capitães Alfredo Ramos e Cândido Silva), além de 5 praças do 2º Regimento de Cavalaria, gravemente feridas. A Coluna do Oeste teve 22 mortos e elevado número de feridos contados no campo do combate pelos adversários, sendo nominados, entre os mortos, 4 oficiais (Tenentes-Coronéis Emílio Rodrigues de Lima - Teco Timbaúva - e Delfino Rodrigues de Lima - Gordo Timbaúva - e Capitães José Azambuja e Gentil

Pinto de Araújo).

Sem desacreditar a contagem de Ladeira, é oportuno lembrar a incerteza dos dados sobre baixas nos conflitos bélicos; além das dificuldades peculiares à tarefa, as cifras podem ser aumentadas ou diminuídas conforme as conveniências de quem as registra ou divulga.

Flores aludiu à captura de 3 prisioneiros, com ferimentos de suma gravidade, após a peleja; um deles seria o Tenente-Coronel Abreu [Coronel Maurício de Abreu] (Campanha, pág. 89). Depois de presos, foram remetidos para a Intendência Municipal de Alegrete.

O perigo de aprisionamento na guerra é notório; quem é capturado fica à mercê do inimigo, apesar das garantias éticas e jurídicas, nem sempre respeitadas.

AS QUESTÕES

O combate de Ibirapuitã não teve a importância que lhe atribuem a história, a lenda e o mito.

Estrategicamente, Ibirapuitã pouco ou nada significou para o destino da Revolução de 1923.

A campanha militar - começada em 11 de janeiro de 1923 com um combate em Casca, próximo ao Campo do Meio, ou em São Luís do Casca, na divisa dos municípios de Guaporé e Passo Fundo, e terminada com o armistício de 7 de novembro de 1923 (Arthur, págs. 158 e 166, Aita, pág. 129) - continuou por mais de quatro meses após sua ocorrência.

Tanto antes dessa refrega, que se deu quase cinco meses depois de iniciada a revolução, como depois dela, até a pacificação de Pedras Altas, celebrada em 14 de dezembro de 1923, os revolucionários jamais tiveram razões para crer na vitória militar.

Contaram eles com o triunfo político, através de uma esperada intervenção do governo federal que depusesse Borges.

Sob o ponto de vista tático, Ibirapuitã não trouxe grande novidade.

O vetusto Flávio Vegécio Renato (século IV DC), no *Epitome Rei Militar*, livro III, ao tratar das regras gerais da guerra no título XXVI, ensinou que, (11) frequentemente, a posição proporciona maior vantagem que o valor e (31) os bons comandantes não combatem em batalha campal senão em ocasiões propícias e por extrema necessidade (*Compêndio de Técnica Militar*, David Paniagua Aguilar-Catedra, 3ª edição, Madrid, 2015, págs. 310 e 311).

Carl von Clausewitz (1780-1831), em *Da Guerra* (Martins Fontes, São

Paulo, 1996, págs. 601, 756 e 757), doutrinou:

“Quando nos interrogamos sobre que papel pode desempenhar essa defesa imediata de um rio no plano estratégico da campanha, tem de se admitir que ela não pode conduzir a uma vitória decisiva, por um lado, porque não visa proibir a passagem ao inimigo, por outro lado, porque o rio nos impede de transformar as primeiras vantagens alcançadas numa vitória completa graças à uma enérgica investida.

Por outro motivo, essa defesa fluvial pode fazer ganhar muito tempo, e geralmente é aquilo que interessa ao defensor.

(...)

Por conseguinte, o assaltante superior em número e capaz de sérios golpes pode fazer sempre uma demonstração sobre um ponto e atravessar outro qualquer, depois virar em seu proveito, graças à superioridade numérica e ao seu impulso ininterrupto, as primeiras circunstâncias deploráveis que tiver encontrado no recontro, porquanto pode consegui-lo graças à sua superioridade numérica. Na realidade, forçar taticamente a travessia de um rio defendido – desalojando um dos principais postos inimigos graças à uma descarga e a um valor superiores – só raramente acontece, ou nunca. A expressão ‘forçar uma travessia’ deve sempre ser compreendida num sentido estratégico, contanto que o assaltante, através da sua passagem sobre um ponto pouco ou ligeiramente defendido na linha de defesa, todas as desvantagens que daí deveriam resultar na intenção do defensor.”

Antoine-Henri Jomini (1779-1869), no *Compêndio da Arte da Guerra*, de 1838 a 1855 (1ª edição Sílabo, Lisboa, 2009, pág. 169), prelecionou:

“Quanto às linhas de defesa eventuais, podemos dizer que quaisquer cursos de água de uma certa largura (...) que tenham em seus pontos acessíveis alguns entrenchementos temporários podem ser vistos como linhas de defesa, simultaneamente estratégicas e táticas, dado que servem para barrar, durante alguns dias, a progressão do inimigo, obrigando-o, muitas vezes, a desviar-se de sua marcha direta para procurar uma passagem menos difícil. Neste caso, conferem uma vantagem estratégica evidente, mas se o inimigo as ataca frontalmente e com toda a força disponível, então é seguro que proporcionam também uma vantagem tática, dado que é sempre mais difícil romper uma força que se encontra atrás de um curso de água ou num posto forte pela natureza ou pela arte, do que atacar em campo aberto.”

Estas lições magistrais são aplicáveis à conduta de Flores e Honório no combate de Ibirapuitã.

Primeiramente, a análise da atitude de Honório.

A acuidade de Antero aflorou nessa transcrição (Mensagem, págs. 265-266):

“Para esta impressão pessoal a derrota dos revolucionários em Ibirapuitã foi a consequência lógica e natural da sua inferioridade de equipamento e da indisciplina inerente às forças irregulares. Contudo, há um testemunho veraz e valioso, que, além de confirmá-la, explica-a pelo absurdo e pelo acaso de uma ordem mal transmitida. Depoimento do Coronel Mallet dos Santos, confirmado e autorizado por ele em data de 20-5-47:

‘(... para retirar de lá o cadáver ...)

No Ibirapuitã combateram do nosso lado de 180 a 200 homens, quase todos da força de Uruguaiana. Não tinha mais do que isso, nem a munição dava para mais do que isso, mesmo atirando com economia. O Velho Honório não ia combater ali: aquilo era para ser uma guerrilha, somente para atrair o Flores para ponte do Caverá. Lá é que o Velho Honório queria tentar uma ação mais decisiva, pois entendia que o terreno era mais favorável. A nossa gente desobedeceu, esquentou-se, e quando se viu a guerrilha tinha virado num encarniçado combate.

Eu estava junto quando o Velho Honório explicou o seu plano ao Hortêncio: este lhe respondeu que era preciso, então, queimar a ponte... O Velho Honório repetiu que queria apenas fazer uma guerrilha, um chamarrisco com o fim de levar o Flores para a ponte do Caverá; que, se queimasse a ponte [do rio Ibirapuitã], o Flores não poderia passar... E o Hortêncio ainda insistiu: - Mas, General, devia ao menos tirar algumas planchas... Com o que o Velho Honório também não concordou, repetindo: - Nós queremos mesmo é que ele passe... O que devia ser uma escaramuça, transformou-se num combate. Fruto da desobediência, ninguém pôde evitá-lo...

Apesar disso, o Flores não passava... Deu-se um engano, não se sabe como, de que muito poucos têm conhecimento. Logo que caiu morto o Teco Timbaúva, amigo pessoal e homem de toda a confiança do Velho Honório, e, por isso mesmo escolhido para esperar o inimigo à boca da ponte, vieram comunicar-lhe. O General permaneceu uns instantes silencioso, escorreram-lhe as lágrimas dos olhos e em seguida, dirigindo-se a um de seus ajudantes, ordenou: - Mande retirar de lá o cadáver... E esta ordem, mal ouvida ou mal entendida, foi chegar à boca da ponte, até hoje não se sabe por que, adulterada, ordenando à guarnição para retirar de lá... Tenho certeza. Sou testemunha. O Flores não passava se isso não acontecesse.’

(...)

A sua versão tem um argumento sério a seu favor: até aquela hora em que a guarnição da ponte retirou, e já era de tardezinha, todas as cargas e investidas dos governistas para tomá-la foram rechaçadas e dizimadas.”

O cumprimento equivocado da ordem de Honório para retirar o cadáver de Teco Timbaúva, entendida como de retirar o corpo da Coluna do Oeste posicionado na ponte, explicaria a subsequente dispersão dos defensores pela investida da Brigada do Oeste?

Se Honório planejava uma ação de retaguarda nos rios Ibirapuitã e Caverá, forte apenas no rio Caverá, por que teria retido, durante tanto tempo, a resistência da Coluna do Oeste no rio Ibirapuitã?

Hortêncio não estaria acertado ao recomendar a retirada dos pranchões, talvez tendo em mente a decisão de Marcelino Pina de Albuquerque em 2 de fevereiro de 1894, o qual, após forte tiroteio, mandou queimar a ponte do rio Ibirapuitã para melhor retirar-se, quando acossado em Alegrete por João César Sampaio (Franco, pág. 95)?

Noutras circunstâncias que a assegurada por Mallet, Flores não poderia passar a ponte – como de fato passou – avançando por escalões suficientes, ordenados e determinados, sob cobertura de fogo que impedissem ou dificultassem os tiros dos defensores, ainda que estes fossem mais numerosos, melhor armados e adequadamente municiados?

É geralmente difícil, senão impossível, desvencilhar uma força em contato estreito com o inimigo, sob fogo cerrado, sem sacrificar pelo menos uma fração do seu efetivo, votada ao sacrifício para possibilitar o recuo dos companheiros. Talvez a pressão exercida pelos atacantes impedisse os defensores de retirar-se em melhor ordem. É possível, ainda, que o ímpeto dos atacantes antecipasse o recuo dos defensores.

Se Honório aguardasse o anoitecer teria, sob a escuridão de uma lua nova, oportunidade e condição mais favoráveis de retirar seus comandados da cabeceira da ponte.

Certo é que, se Honório não dispunha de meios para enfrentar Flores, em campo aberto, com razoável expectativa de vitória, tampouco poderia permanecer indefinidamente na margem direita do rio Ibirapuitã.

Se o fizesse, correria risco iminente de cerco pelas Brigadas do Oeste, do Centro, do Norte ou do Sul e das reservas deslocadas pelos governistas, cujo transporte seria facilitado pela utilização da rede ferroviária.

Portanto, impunha-se à Coluna do Oeste, com a maior brevidade possível, retirar-se para a serra do Caverá conforme fora previsto, retardando a perseguição pela Brigada do Oeste com as barreiras dispostas nas pontes dos rios Ibirapuitã e Caverá.

Na sua Ordem do Dia, reproduzida por Aita (1923, págs. 63 e 640, Honório apontou a causa da determinação de retirada:

“Finalmente, usaram eles [os mercenários] deste stratagem: in-

vadiram a zona neutra. Assestaram aí as suas metralhadoras e entrincheirados por detrás da via férrea e na ponte metálica, iniciaram um ataque sobre o nosso flanco direito, quase de surpresa, visto como não imaginávamos que a audácia e a insolência dos mercenários chegassem a tal ponto. O Exército Nacional retirou as suas linhas e assistiu impassivelmente, numa atitude dolorosa para os brios dessa digna e patriótica corporação militar. O General Monteiro de Barros cedera às injunções dos mercenários.

(...)

Diante desse ataque inesperado, determinei a retirada de nossas forças, após ter dizimado o inimigo, que teve acima de duzentas baixas.”

O argumento não resiste a duas evidências. O ataque governista, com ou sem a ocupação da zona neutra, era previsível e devia ter sido prevenido, apesar da ingênua confissão da quase-surpresa. A coluna revolucionária não dispunha de poder de fogo suficiente para repelir o assalto da brigada governista à sua posição, por defensável que fosse.

Em segundo lugar, o exame do comportamento de Flores.

Na defesa da sua atuação no combate de 19 de junho de 1923, Flores alegou (Campanha, págs. 95 e 96):

“Já se enunciaram as múltiplas razões que determinaram o comando a levar o ataque frontal.

O rio transbordava. Tínhamos, apenas, duas coisas a fazer: atacar ou esperar, inativos, que o inimigo, ‘de motu proprio’, abandonasse a forte posição.

Optamos pela arremetida temerária!

(...)

Certo, não se há de apreciar o feito sob o exclusivo aspecto técnico-militar: não era possível cruzar os braços com o inimigo à vista e ao alcance da mão!

E, depois, não se jogava a sorte da causa republicana que, verdade é, nunca esteve comprometida!

(...)

Poderia, no caso corrente, ter sido tentada a travessia do rio a montante e a três léguas da cidade, mais ou menos, à altura do Sobradinho, como muito bem sugerira o valoroso capitão Alfredo Ramos, homem de poucas luzes, mas grande conhecedor da região, por ser natural de Alegrete. Ele informara que, no lugar referido, era costume estacionarem algumas canoas. Mas, admitida essa hipótese, além da passagem do Ibirapuitã, em melhores ou piores condições, surgiria o obstáculo da ponte do Caverá, ocupada

de antemão pelo inimigo. Fixado este na ponte Borges de Medeiros, o ataque de flanco, para preparar a manobra envolvente, estaria indicado se não houvesse de permeio o estorvo do rio Caverá que, sabem-no todos, deságua naquele outro, a menos de uma légua da cidade. Ter-se-ia, assim, em vez de um, dois cursos d'água, caudalosos, a transpor.”

As ponderações de Flores sobre o ataque de flanco e a manobra de envolvimento mostram-se arrazoadas e aceitáveis.

Porém, é pertinente indagar se haveria necessidade da investida frontal contra adversários que, mesmo não estando ao alcance da mão – em verdade, não estavam porque separados por um rio caudaloso – certamente careciam de condições para sustentar-se por mais de umas horas a posição defendida?

O decurso de alguns dias não seria irrelevante para o prosseguimento das operações da Brigada do Oeste?

Flores teria a ambição irrealista de eliminar Honório e aniquilar a Coluna do Oeste?

Seja como for, dezenas de homens morreram, afora as demais perdas e danos pessoais e materiais que então se verificaram.

Afinal, pergunto-me por que tantos homens trocaram tiros durante tanto tempo, naquele dia de outono, quase de inverno, disputando a passagem de uma ponte feita antes para uni-los do que para separá-los?

Creio que a resposta, aparentemente complexa, em essência pode ser reduzida a termos quase simplistas: lutaram porque estavam lá para isso; porque receberam ordem para fazê-lo; porque, com coragem ou sem ela, sublimaram o medo com ideais elevados ou, simplesmente, com o impulso de continuar vivendo. Se não todos, muitos deles, instintiva ou culturalmente, não admitiam em absoluto defrontar-se com o adversário sem hostilidade, combatendo até a morte se preciso fosse.

Brigar pelas cores das bandeiras, dos estandartes ou das divisas era questão de honra, mais do que imposição de disciplina.

EPÍLOGO

Repita-se: o combate de Ibirapuitã, nas circunstâncias em que ocorreu, revelou-se injustificável sob os aspectos estratégico e tático.

No entanto, teve a inegável importância de afetar o moral tanto dos que o disputaram como também dos aficionados não-combatentes, borgistas e assisistas vivamente interessados na vitória das respectivas facções políticas.

Evidentemente, a derrota abateu o ânimo dos revolucionários, embora não o bastante para fazê-los desistir da luta, ao passo que a vitória aumentou o brio dos governistas sem, contudo, evitar futuros insucessos.

Terminada a peleja, sobreveio a dispersão dos vencidos e a perseguição dos vencedores.

Palavras de amargura e recuperação, de Antero (Mensagem, pág. 272):

“Ninguém queira ser derrotado! Ninguém deseje ter o orgulho abatido, o amor-próprio sangrando em carne viva, o apagamento da alma pela humilhação, e ainda os riscos, e a ansiedade, e a angústia que nos causa uma debandada, quando somos perseguidos de perto pelo inimigo vitorioso! Como já se tem dito algumas vezes, talvez seja necessário mais ânimo e maior soma de energia para fugir na derrota do que para combates numa linha-de-fogo. Em tais circunstâncias precisamos, num esforço sobre-humano mobilizar em nosso ser todas as reservas do instinto de sobrevivência e conservação – se não o esmorecimento se apossa de nós e perdemos a partida. O salve-se-quem-puder de 19 de junho, no Ibirapuitã, nos ensinou isso,”

Palavras de triunfo e recriminação, de Flores (Campanha, págs. 88 a 90, 98 e 99):

“O inimigo, dominado de pânico, debandara em desordem, perseguido de perto pela nossa força melhor montada.

Ainda assim, a perseguição não se fez coordenadamente, como deveria ter sido realizada, pois faltara a necessária serenidade da minha e da parte dos demais comandantes!

(...)

Muitos dos rebeldes conseguiram salvar-se penetrando nos quartéis e hangares do grupo de aviação do Exército, sites pouco à retaguarda das posições inimigas.

(...)

A coluna sediciosa, na retirada desordenada, dividira-se em magotes. Honório Lemes, Batista Luzardo e mais alguns fugiram na direção da chácara do Senhor Diogo de Assis Brasil, o Coronel Teodoro Menezes, que estava guardando a ponte do Caverá, dirigiu-se para o cerro do Catimbau e encaminhou-se rumo da lagoa Branca, e Democratino Silveira, que ficara de reserva, atravessou o arroio Jararaca e marchou em busca dos companheiros derrotados.

Estes, já a alta hora da noite, chegaram à lagoa Vermelha, à casa de um funcionário público, onde tomaram alimentos e repousaram ligeiramente.

Nessa ocasião, Honório Lemes, esgotado, enfermo e desiludido, teria declarado que estava resolvido a render-se, sem mais resistência, aos perseguidores. Pelo menos, foi o que, depois, informou o dono da casa que o hospedou por algumas horas.

Durante a fuga, ele perdera, em nossas mãos, os medicamentos de que vinha fazendo uso, uma bússola, um guarda-sol e muitos outros objetos.

(...)

A perseguição, porém, não pôde ser feita senão até pouco além do Capão do Angico. Nela só tivemos uma baixa, pouco além da casa Galant, na costa de uma velha cerca de pedra.

(...)

Convalescente ainda do ferimento recebido apressei-me em reasumir o comando da Brigada de Oeste por dois motivos: primeiro, porque já me sentia em condições de montar a cavalo; segundo, porque fazia pena ver aquela magnífica força imobilizada e se desarticulando no mesmo lugar em a deixara.

Ou porque não dispusesse de quem, com aptidão e desassombro, a pudesse compreender e orientar, qualidades indispensáveis para poder aproveitá-la e fazer render todo o esforço de que era capaz, ou porque o governo do Estado não quisesse providenciar na minha imediata substituição, o fato é que a deixou permanecer inerte no Alegrete, durante vinte dias.

Nesse espaço de tempo, os revolucionários, batidos na ponte do Ibirapuitã, aproveitando-se da folga inexplicável que lhes foi dada, reagruparam-se em Rosário e nas adjacências, para o que contaram, como sempre, com a benevolência, senão com o auxílio indisfarçável das tropas federais, pretendidamente neutras!"

Transcorreu um século.

Hoje, quem escreve sobre o combate de Ibirapuitã no conforto de seu gabinete, cercado de papéis, não deve esquecer o quão distante se acha da realidade que cercou os chefes dos combatentes no calor da refrega. Cumpre-lhe por isso apreciar, respeitosamente, suas decisões e, embora julgando-as certas ou erradas após reflexão madura e imparcial, ter presentes as circunstâncias do tempo, do lugar e do momento em foram tomadas.

Cessaram as descargas da fuzilaria. Silenciaram os estampidos dos tiros. Dissipou-se a fumaça das detonações. Calaram-se os brados, as imprecações, as lamentações, os gemidos. Secaram as poças de sangue. Os mortos foram sepultados, alguns deles sempre lembrados, muitos outros totalmente esquecidos. Os feridos sobreviventes curaram-se ou ficaram

mutilados. As perdas materiais foram reparadas ou absorvidas.

Ao fim e ao cabo, glória e miséria repartiram seus quinhões.

O tempo fluiu. Com a hipotética exceção de um ou outro, também passaram os participantes e as testemunhas contemporâneas dos fatos de 19 de junho de 1923. A lembrança do acontecido ficou esmaecida, senão de todo apagada.

Diante dessa realidade inexorável, é imperioso que se resguarde a memória do combate de Ibirapuitã e a merecida fama dos que nele praticaram feitos heroicos.

Para essa preservação, esta contribuição.

Que outras, melhor qualificadas, lhe venham a suceder.

Porto Alegre, junho de 2023.

Apio Claudio Beltrão

Membro Efetivo do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Sul